

O desafio da docência universitária na pandemia do Covid-19: breves considerações sobre a experiência no estado do Pará

Simone Cristina da Costa Tavares¹

RESUMO

O presente artigo objetiva refletir sobre o acontecimento na educação universitária durante a pandemia do COVID-19, no Estado do Pará. Sua relevância consiste em poder refletir sobre a educação, o compromisso da docência e a qualificação técnica do educador, diante da chegada da mencionada pandemia. Estabeleceu-se como questões norteadoras investigar até que ponto o docente universitário, historicamente constituído como elemento essencial no processo de Ensino/Aprendizado (E/A), na pandemia do COVID-19 adotou o novo perfil de docência, ausente da sala de aula, ministrando o Ensino Remoto Emergencial (ERE). E em que medida discentes e docentes tem conseguido fazer uso adequado das novas tecnologias no E/A. Como Metodologia, adotou-se o tipo de pesquisa bibliográfica e de campo, na qual foram aplicados 02 tipos de formulários, com perguntas objetivas e respostas de múltiplas escolhas, direcionados à duas categorias de sujeitos (docentes e discentes) perfazendo o total de 104 sujeitos, envolvidos no E/A. Os resultados obtidos foram tabulados, interpretados e apresentados na forma de gráficos e tabelas, sob uma perspectiva de análise qualitativa. Concluiu-se que o docente universitário, assumiu o desafio que lhe foi imposto pela pandemia, e tem buscado alternativas para aprimorar sua prática propedêutica na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: COVID-19. Docência universitária. Educação.

1. Introdução

Neste artigo traz-se reflexões sobre o desafio de se desenvolver a docência universitária no período da pandemia do COVID-19², no Estado do Pará³, Sua relevância consiste em poder refletir sobre a educação, o compromisso da docência e a qualificação técnica do educador, diante da chegada da mencionada pandemia.

¹ Especialista em Docência no Ensino Superior pela Universidade Prominas, Bacharel em Engenharia de Telecomunicações, Mestre em Engenharia Elétrica na área de Telecomunicações pela Universidade Federal do Pará, Doutoranda em Engenharia Elétrica na área de Telecomunicações na Universidade Federal do Pará. Email: simone_tavares@yahoo.com.br.

² Segundo a Organização Mundial da Saúde, a pandemia denominada de COVID-19 é uma doença com surgimento identificado na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, provocada pelo vírus CORONA, cujo os sintomas produzem infecções respiratórias de propagação rápida no mundo todo, com maior afetação entre os pacientes com baixa imunidade e comorbidades. O contágio da mencionada pandemia, vem sendo prevenido pelo distanciamento social e vacinação em todos os países, da população acima de 16 anos.

³ O Pará é um Estado brasileiro localizado na região Norte, tendo como capital o município de Belém. Trata-se da segunda maior unidade da federação depois do Amazonas, com área de 1,24 milhão de km². O Estado pertence ao bioma amazônico, e por isso predomina o clima Equatorial, além da cobertura vegetal formada por florestas e cerrados em uma pequena parcela ao sul. A economia paraense, liderada pelo extrativismo mineral e vegetal, é a maior da região Norte.

Para tanto, neste trabalho, elegeu-se as seguintes questões norteadoras: Até que ponto, o docente universitário, historicamente constituído como elemento essencial no processo de E/A, ao ser provocado pela pandemia do COVID-19, encontra-se inclinado a adotar um novo perfil de docência, no qual está ausente da sala de aula física, ministrando a aula no modo remoto? E em que medida discente e docentes tem conseguido fazer uso adequado das novas tecnologias no processo de E/A?

Neste sentido, notoriamente, a construção do saber sofreu intensas modificações, e faz surgir então a questão-problema: De que forma o campo acadêmico em nível superior, diante do ritmo frenético dessa evolução social, tem possibilitado as mudanças na atuação do docente universitário, ao mesmo tempo, que também possibilita a aquisição de novos e antigos conhecimentos transmitidos com ou sem a presença do docente.

Assim, esta pesquisa-temática se justifica socialmente em virtude do momento ímpar que o mundo globalizado tem vivenciado, advindo da pandemia do Corona vírus, sugerindo, então, reflexão sobre reformas no sistema educacional, modificando a questão educativa e ressaltando a necessidade da requalificação dos professores, bem como o preparo dos demais profissionais inseridos na vida acadêmica.

Daí a complexidade e importância do tema pesquisado, que parte das evoluções contemporâneas, da pandemia do COVID-19 (levando a necessidade da totalidade de aulas para o Ensino Remoto Emergencial (ERE)⁴ e das inquietações vivenciadas diante dos novos formatos necessários para a atuação em sala de aula física e remota, na busca de saberes que possibilitem de fato um ensino contínuo e de qualidade.

A prática do docente e discente universitário serviu como base nesta investigação, dada ao reconhecimento de que o magistério superior foi diretamente influenciado na pandemia e foi alvo de modificações no que se refere as políticas públicas de ingresso ao Ensino Superior, ao Exame Nacional do Ensino Meio (ENEM), bem como às necessidades mercadológicas que levaram a uma maior exigência e rapidez de profissionais graduados, principalmente os da área da saúde. Esta solicitação implicou em um curto período de tempo que as faculdades aumentassem seu quadro de profissionais docentes para suprir as carências trazidas pela sociedade contemporânea.

2. Embasamento Teórico

Vários estudos abordam as constantes reformas no sistema educacional, o que vem demonstrando a necessidade da modificação na questão educativa como um todo, incluindo a educação de nível superior.

⁴ O Ensino Remoto Emergencial – ERE – é uma solução temporária e estratégica que permitirá, no contexto da Pandemia de COVID-9 – proporcionar à comunidade acadêmica a possibilidade de manter, dentro das circunstâncias possíveis, as atividades de ensino.

Patto (1989, p.232), analisa que historicamente o docente pelo seu padrão de conhecimento e desempenho profissional, era considerado “o detentor inquestionável do saber e de autoridade para transmitir conhecimentos e conteúdo”. Igualmente, Lemes (2021, p.2) declara que “durante longos anos, o professor possuía domínio total das habilidades necessárias à prática do ensinar, voltado para a intelectualização de indivíduos”, ou seja, era “o senhor do suposto saber”.

Ainda segundo Bohoslavsky (1989, p.321), as atribuições do professor eram bastante ampliadas. Além de ter responsabilidade com sua matéria e disciplina em sala de aula, também, “regulava o tempo, o espaço e os papéis na relação com o discente” e era o porta-voz dos códigos e repertórios da instituição de ensino.

Entretanto, nas últimas décadas, tem sido constatado, que a construção do saber /A, antes, responsabilidade exclusiva do docente em sala de aula, sofreram importantes mudanças e parte delas foram proporcionadas na inserção dos diversos sistemas de informação e aplicativos, tais como: *youtube, tik tok, twiter, instagram*, etc., o qual passaram a ser utilizados em larga escala por discentes e docentes, como fonte de aprendizado.

Destarte, o professor, o qual ocupava um espaço de exclusividade na transferência do saber, passou a dar lugar também à participação do aluno, no qual deixou de ser simplesmente expectador, e se tornou um coadjuvante de novos conhecimentos, porque o próprio busca conhecimento dos seus interesses por conta própria e faz uso de ferramentas para as suas diversas pesquisas, apresenta trabalhos, seminários, participa de sala de aula invertida e etc.

2.1 Os aspectos desafiadores do Ensino na pandemia no Estado do Pará

O século XXI está sendo marcado por novas implicações sociais, políticas, econômicas, culturais, educacionais, relacionais, etc. muitas delas provocadas pela pandemia do COVID-19. Tal pandemia ocasionou para os diversos âmbitos, abruptas interferências. Acarretou fobia, incertezas, recolhimento, obstáculos, preocupações, nunca antes vivenciados pelas últimas gerações da população mundial.

O fato da pandemia ser uma questão de saúde pública de dimensão mundial, no Brasil, foi necessário um esforço hercúleo, sobretudo nas questões estruturais, tais como aquisição de equipamentos hospitalares, compra de incontáveis cilindros de oxigênios, criação de Hospitais de Campanha e de novas Unidades de Terapia Intensiva (UTI), retaguarda de volumosas quantidades de medicações, vacinas, prática profissional ininterrupta e conseqüentemente desgastante; convocação antecipada de médicos e enfermeiros recém-formados, firmeza no compromisso ético com a vida, e total empenho para vencer a luta contra o mal pandêmico. Isso, suscitou um período em que a sociedade buscou reformular o conceito de vida e de conhecimento, visto que a evolução tecnológica, a modernidade e as necessidades mercadológicas tornam a vida corriqueira.

Na região Norte, especificamente no Pará, contexto desta investigação, no que tange à educação, educar também se tornou um desafio ‘igualmente hercúleo’, especificamente nesse novo tempo de pandemia, porque o Estado, é o segundo mais extenso do Brasil, figura 1, o mais populoso da região Norte, some-se a isso o fato de integrar duas das maiores bacias hidrográficas brasileiras⁵. Somente por essas peculiaridades geográficas gigantescas fica fácil compreender o desafio que estava posto, em âmbito educacional, para superar as distâncias e o isolamento social, provocado pela pandemia, ao mesmo tempo que se expande a educação no modo ERE, e em condições igualitárias para todos os 144 municípios, pois parte do alunado são moradores das cidades do interior do estado que são aprovados no processo seletivo das universidades da capital do Estado – Belém, e com a quarentena retornaram para suas cidades de origem.

Esclarece-se que o Pará faz parte da Amazônia Legal⁶ e convive com uma enorme contradição, “constitui-se ao mesmo tempo, no centro das atenções do mundo e periferia dos interesses do Brasil” (PARÁ, 2015). É uma região riquíssima em recursos naturais, com uma biodiversidade inigualável, com potencial na geração mundial de fármacos, fitoterápicos, cosméticos, perfumes, agroquímicos, e outros, paradoxalmente, porém, devido à escassez de água potável para a sua população, se apresenta como um dos principais problemas da humanidade, e carece de soluções concretas de desenvolvimento humano, que alcancem a saúde de média e alta complexidade, no saneamento básico, energia elétrica, tecnologia, telecomunicações⁷ e educação de qualidade para todos.

Por fazer parte da Amazônia o Estado do Pará possui uma imensa área territorial coberta pela floresta Amazônica e diversos rios fluentes do rio Amazonas. Isso do ponto de vista da biodiversidade de fauna e flora é fantástico, porém, para as telecomunicações torna-se um grande desafio levar dados, vídeo e voz para as localidades do Estado onde boa parte do território é coberta pelas florestas e por rios.

⁵ Área da unidade territorial [2020] 1.245.870,707 km². População estimada [2021] 8.777.124 pessoas. A hidrografia do Pará é marcada pelos rios da Bacia Amazônica. O próprio Rio Amazonas passa pelo Estado e deságua no Oceano Atlântico na Ilha do Marajó. Os principais afluentes do Amazonas em território paraense são: o Tapajós, Xingu, Curuá, Trombetas e Nhamundá.

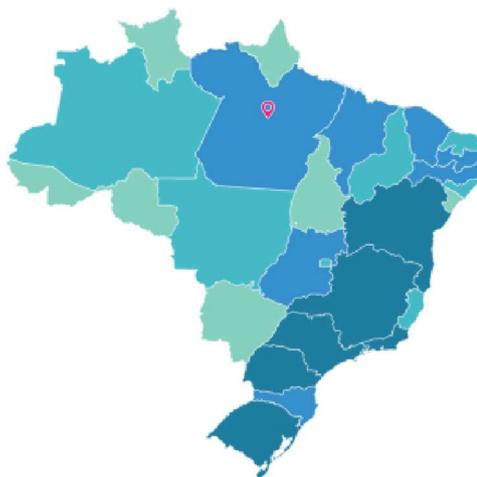
⁶ A Amazônia Legal corresponde à área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia SUDAM delimitada em consonância ao **Art. 2o da Lei Complementar n. 124, de 03.01.2007**. A região é composta por 772 municípios distribuídos da seguinte forma: 52 municípios de Rondônia, 22 municípios do Acre, 62 do Amazonas, 15 de Roraima, 144 do Pará, 16 do Amapá, 139 do Tocantins, 141 do Mato Grosso, bem como, por 181 Municípios do Estado do Maranhão situados ao oeste do Meridiano 44°, dos quais, 21 deles, estão parcialmente integrados na Amazônia Legal. Possui uma superfície aproximada de 5.015.067,75 km², correspondente a cerca de 58,9% do território brasileiro.

⁷ Em 2011, o Estado do Pará implantou o NAVEGA PARÁ, programa de tecnologia de informação e comunicação para o desenvolvimento do Estado. Naquela ocasião, dos 144 municípios, havia sinal de *internet* em apenas 60 cidades. Embora o referido programa tenha se expandido, ainda não há plena capilaridade, que possibilite as condições educacionais em todas as microrregiões do Estado e que atenda os diferentes níveis de formação e qualidade do ensino. PARÁ (2012). Atualmente 88 municípios paraenses estão interligados à Rede de Telecomunicações do Estado. Mais 21 serão incluídos até o final deste ano, totalizando 109 municípios, o que representa cerca de 76% dos 144 municípios paraenses interligados.

Assim, nota-se, que a pandemia colocou os elementos integrantes do processo educativo, diante de um complexo esforço: Exigiu que o indivíduo fosse inserido em E/A em salas virtuais acessadas em qualquer lugar, requereu a aquisição de equipamentos eletrônicos e serviços de *internet* custeados por seus próprios recursos.

Vale ressaltar, que o Governo Federal disponibilizou através do Projeto Alunos Conectados, somente no segundo semestre da pandemia (23/11/2020), 150.061 chips, entregues pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) a 97 universidades e institutos federais para fornecimento de pacotes de dados móveis de Serviço Móvel Pessoal, nos termos do programa do Ministério da Educação (MEC) e Rede Nacional de Pesquisa (RNP), durante o período da pandemia da COVID-19 e auxílios emergenciais de apoio à inclusão digital, através da concessão de auxílio financeiro (Auxílio TIC/2020), no valor de R\$1.200,00 (um mil e duzentos reais) em parcela única, para aquisição de equipamento (*notebook, desktop, all-in-one* ou *tablet*), que possibilitou o acesso à *internet* a universitários de menor poder aquisitivo.

Figura 1 – Mapa do Brasil mostrando a posição do Estado do Pará.



Fonte: PARÁ. IBGE-PANORAMA. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/panorama>. Acesso: em 14 de novembro de 2021.

No *site* do MEC verificou-se que o Estado do Pará possui 5 universidades federais e que somente em 2019 foram matriculados 71.006 novos alunos universitários no Estado, conforme o censo da educação superior de 2019, ou seja, umas expressivas parcelas dos alunos possivelmente não foram agraciadas com tal ajuda. Isso trouxe uma enorme preocupação e prejuízo educacional para os alunos com vulnerabilidade social não contemplados com tais projetos.

A situação pandêmica trouxe adaptações não somente no dia a dia do aluno, mas também no cotidiano do professor, este antes tinha sua vida profissional separada da vida privada e com isso se viu forçado a fazer da sua casa, a própria sala de aula e seu lugar de trabalho, enquanto que aquele

passou a depender mais do uso de dados e equipamentos (*notebook* e celular). Notoriamente, diminuiu o ritmo frenético, exigindo um novo posicionamento na área educacional. A intenção desse posicionamento tornou-se a necessidade de mitigação dos danos, para que discentes e docentes não tivessem a perda de um ano letivo inteiro, considerada irreparável.

Nesse sentido, os esforços foram em proporcionar superação de limitações, temores e anseios; de possibilitar vencer o desconforto de produzir vide aulas; de se adaptar a um novo modo de aprender e de ensinar, e tantos outros inúmeros aspectos. Jimenez Pena e Allegretti (2007), ao refletirem sobre a metodologia tecnológica explicam que:

A tecnologia não se constitui em uma revolução e que os novos meios de comunicação aliados a ambientes virtuais de aprendizagem colocarão o ensino em uma perspectiva inovadora na sociedade do conhecimento. [...] cada momento histórico houve um aparato tecnológico específico que sofreu mudanças com a interferência e os aperfeiçoamentos propostos pelas inovações científicas [...] (JIMENEZ PENA E ALLEGRETTI, não pag.,2007).

Além das questões educacionais, o fazer pedagógico dos professores durante a pandemia vêm persuadido de interesses sociais e de trocas, visto que esse novo modelo de docência universitária deve buscar desenvolver junto ao aluno, muito mais que antes, valores e atitudes preparando-o não somente para o mercado de trabalho, mas também para a vida:

Hoje, os avanços aparecem com instrumental aparentemente mais elaborado, com a *internet*, o microcomputador, a TV digital, mas esses avanços só se tornaram possíveis porque o homem refletiu cientificamente, estabelecendo uma inovação após outra, sendo que, cada etapa contribui de forma significativa para implementar as conquistas de seu tempo, (SILVA, 2010, p.219).

2.2 Docência Universitária: situações presenciais e virtuais

Em uma total mudança de paradigma, os alunos interagem com seus pares na construção dos conhecimentos [...] abandonando aquela atitude passiva comum das aulas tradicionais, adotando uma nova postura bem mais dinâmica, própria dos contextos colaborativos de aprendizagem. (SILVA, 2010, p.219).

Assim, surge um paradigma educacional, que emergiu em novas concepções do E/A, nas quais os valores éticos dos alunos e dos professores foram testados, e os encorajou a um processo onde o docente deve criar mecanismos autênticos, que se ajustem as exigências da educação superior diante desta nova maneira de ensinar.

Se há algumas décadas a tecnologia existente era somente o papel e a máquina de imprensa, na atualidade, os recursos tecnológicos possibilitam uma troca continuada, com maior agilidade temporal, diminuindo as distâncias, otimizando o tempo, possibilitando uma aprendizagem mais colaborativa entre docente e discente, e quase que imediata de conhecimentos.

Hoje, o uso da tecnologia para fins de ensino e aprendizagem, estabeleceu uma relação mais democrática com relação à disseminação do conhecimento, permitindo o alcance de meios e informações para lugares diversos, sem limites, quanto às distancias geográficas. (SILVA, 2010, p. 218).

Dessa forma, o ensino superior, forçadamente, desertou os moldes tipicamente tradicionais, em busca de condições que favorecessem a utilização dos novos mecanismos de conhecimentos, na complementação do saber de fato; adequando-se assim as perspectivas criadas pelo mundo, com a eclosão e durante a pandemia.

Nesse sentido, o fazer do professor passou a ser amparado sobretudo pela ferramenta tecnológica, o seu quadro-negro de giz, ou seu quadro com caneta magnética, em virtude da pandemia, foram substituídos pelos recursos tecnológicos: vídeo-aulas, videoconferências, e formatação de *slides* interativos, avaliações remotas, *lives*, etc.

O modelo anterior de aprendizagem tradicional, que era centrado no professor como a autoridade e o aluno como um simples recipiendário, passa a dar lugar a um novo modelo, no qual o aluno é um ser que pode iluminar a prática; deixando de ser passivo na aprendizagem solitária, para fazer parte de processo cedendo lugar à aprendizagem advinda também do grupo, em tempo real e no ERE ou, se o aluno preferir, em outro momento também poderá acessar as aulas gravadas e reprisar quantas vezes julgar necessário.

Assim, o docente universitário se aventurou à busca de um conhecimento e de habilidades tecnológicas, e por uma conjugação de ferramentas que muitos não possuíam. Com isso, profissionais sem experiência prévia e didática na docência passaram a fazer parte desse grupo, implicando na conquista de novas tendências, bem como, desafios.

Um dos desafios da educação superior na pandemia foi o de eliminar pré-conceitos de professores, em busca da articulação das ações didáticas ao ensinar e aprender, o docente, sabedor da autonomia do discente na aquisição de conhecimentos devido as diversas plataformas digitais disponíveis, busca novas formas de atingir as pretensões educativas de E/A para satisfazer esse novo perfil de discente. Para Teixeira (2002):

[...] o papel do aluno, o aprendente, o sujeito construtor do conhecimento, é de importância relevante na construção de sua autonomia, pois deve mostrar-se corresponsável pela construção de resultados em todos os momentos de seu percurso acadêmico. (TEIXEIRA, 2002, p.161).

Diante disso, é possível verificar que a docência exige do profissional acadêmico uma formação contínua e dinâmica, observa-se que a preparação do professor universitário vai além da graduação inicial, que o domínio da habilidade técnica não é o bastante diante da complexidade do ensinar no mundo contemporâneo, sendo necessário aprimorar os saberes didáticos que constituem o processo educativo.

As universidades, que compreendem as possibilidades decorrentes da educação participativa, com aulas remotas tendem a perceber, que as metodologias do ensino superior; os projetos pedagógicos e os processos avaliativos; podem ser melhorados, quando a participação

mútua se configura a partir das necessidades pedagógicas reais, numa perspectiva de parcialidade dialogada entre docentes e discentes.

3. METODOLOGIA

O trabalho foi do tipo pesquisa de campo, porque o objeto abordado, educação superior na pandemia, tem produzido informações no ambiente onde a mesma está se desenvolvendo, tornando-se, assim, importante buscar informações no próprio ‘campo’⁸ para estudos mais analíticos:

Na pesquisa de campo [...] a coleta é feita em condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio do pesquisador [...]. Quanto a seus objetivos, a pesquisa exploratória busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. (SEVERINO, 2018, p.123).

Para a coleta dos dados, foram aplicados de modo *on-line* 02 tipos de formulários, produzidos e distribuídos pela plataforma GOOGLE, com perguntas objetivas e respostas de múltiplas escolhas, direcionados à duas categorias de sujeitos envolvidos no processo de E/A nesse período da pandemia do COVID-19, no Pará.

O primeiro formulário foi aplicado ao grupo de docentes universitários, e o segundo, ao grupo de discentes universitários. Em ambos os formulários haviam perguntas diferentes e especificamente destinadas a cada grupo de sujeitos, e outras perguntas, eram comuns aos dois grupos. Para sua execução, os formulários foram distribuídos nos contatos endereçados em grupos de pesquisa de discentes e de docentes, e foi assegurado o anonimato dos sujeitos respondentes. Foi estabelecido o período de 05 dias para a coleta das respostas.

Ao final desse período foram devolvidos 104 formulários com total preenchimento, sendo 29 professores e 75 alunos, os quais foram apurados, tabulados, e sofreram tratamento estatístico para análise diagnóstica e discussão dos resultados, nos aspectos quantitativos e qualitativos capturados dos resultados da pesquisa, os quais foram apresentados em gráficos.

Com relação ao tamanho da população/amostra alcançada, esclarece-se que nesta pesquisa não se teve a pretensão de obter uma amostragem estatisticamente representativa, porque o que se buscou por meio da pesquisa de campo foi apresentar o fenômeno de modo qualitativamente descritivo, em seus sentidos e significados vividos pelos sujeitos, como assevera Turato (2005) na situação da pesquisa qualitativa, que a preocupação com o tamanho da amostra pode ser praticamente nenhuma, pois o interesse no estudo é de um tema e seus diversos desdobramentos, como: psicossociais, demográficos ou de um assunto em si.

⁸ A noção conceitual de *Campo*, extraída da obra de Pierre Bourdieu (2010), é fundamental nesta pesquisa. Fundamenta-se como o espaço social dinâmico, onde as interações se estabelecem, nas relações de poder, de classes, nas hierarquias, disputas e jogos relacionais, que se distingue por regras e leis, nas disposições incorporadas (*habitus*), obedecidas pelos agentes nas diferentes posições ocupadas no Campo.

Ademais, no que tange à questão da educação, faz-se oportuno observar, que o campo educacional de nível superior ou até mesmo de formação ou escolarização de modo geral, ao longo dos anos, vem sofrendo notórias exigências de mudanças nos diversos elementos tradicionais, tais como: aula exclusivamente expositiva; sala de aula física; na interação professor-aluno; modos de avaliação de aprendizagem; pesquisas somente em bibliotecas físicas; práticas de laboratórios/oficinas acadêmicos, substituindo procedimentos habituais.

3.1 Pesquisa de campo: formulários, procedimentos e amostras

Para analisarmos os impactos do E/A, eventualmente ocorridos no cenário pandêmico, realizou-se uma pesquisa qualitativa, através de um conjunto de dados coletados e/ou selecionados dentre a população docente e discente. Foi considerado alguns elementos predefinidos, para estabelecer alguns pontos amostrais, com a finalidade de estabelecer as preferências, experiências e alterações de rotina no processo E/A, e por fim, fazer um contraponto com as aulas presenciais nas Universidades Paraenses e sua mudança integral para aulas 100% remota.

As devolutivas dos formulários dos 104 sujeitos, sendo 29 professores e 75 alunos, correspondem a um percentual da amostra na ordem de 28% e 72%, respectivamente. Nas tabelas 1 e 2 é mostrado os formulários (docentes e discentes) com as perguntas e suas respectivas respostas.

Tabela 1 - Formulário aplicado aos docentes universitários.

Você prefere ministrar aula remota ou presencial?	Presencial	Remoto	Híbrida	Indiferente
	75,90%	13,80%	10,30%	7%
Como foi a sua experiência como professor sobre as suas aulas ministradas no Ensino Remoto Emergencial durante a pandemia?	Boa	Ruim	Ótima	-
	37,90%	37,90%	17,20%	-
Você teve que mudar a sua rotina com as aulas no Ensino Remoto Emergencial?	Sim	Não	-	-
	10,30%	89,70%		
Você acha que as universidades deveriam adotar esse tipo de aula 100% remoto?	Sim	Não	Talvez	-
	13,80%	82,80%	3,40%	-
Você se sentiu prejudicado de alguma forma em ter que ministrar as aulas no Ensino Remoto Emergencial?	Sim	Não	Talvez	-
	48,30%	37,90%	13,80%	-
Você acha que o ensino Remoto Emergencial irá prejudicar o aluno na sua formação profissional?	Sim	Não	Talvez	-
	58,60%	20,70%	20,70%	-
Qual a sua visão sobre o aluno com as aulas Ensino Remoto Emergencial?	Indiferente	Participativo	-	-
	86,20%	13,80%		
Você se sentiu tendo habilidade com o uso das tecnologias?	Sim	Não	-	-
	69%	31%		
Qual a sua opinião a respeito do ensino ministrado por você através das aulas no Ensino Remoto Emergencial?	Regular	Excelente	Satisfatória	-
	51,70%	31%	17,20%	-
Você teve que fazer algum curso ou comprar algum material para adequar a sua aula no Ensino Remoto Emergencial?	Sim	Não	-	-
	58,60%	41,40%		
De que forma a sua família contribui nas suas aulas no Ensino Remoto Emergencial?	Atrapalhou	Não atrapalhou	Indiferente	Ajudou
	10,30%	41,40%	34,50%	13,80%
Se você fosse convidado a participar de uma comissão de melhorias nas aulas no Ensino Remoto Emergencial qual seria a sua sugestão para melhorias?	Mudança na metodologia de ensino	Uma aula mais interativa	Uma aula com mais recursos tecnológicos	Mudança no material de ensino
	10,30%	48,30%	6,90%	3,40%
				Um curso de capacitação para os professores aprenderem como lidar com as novas ferramentas/aplicativos 31%

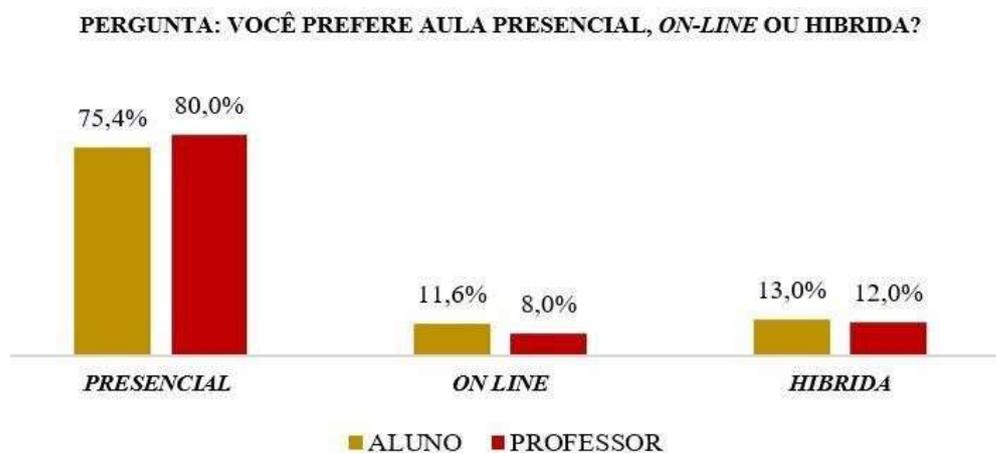
Tabela 2 – Formulário aplicado aos discentes universitários.

	Presencial	Remoto	Híbrida	Indiferente		
Você prefere aula remota ou presencial?	73,30%	13,30%	13,30%	10,70%		
Como foi a sua experiência como aluno sobre as aulas do Ensino Remoto Emergencial durante a pandemia?	Boa 30,7%	Ruim 48%	Ótima 10,70%	-		
Você teve que mudar a sua rotina com as aulas do Ensino Remoto Emergencial?	Sim 86,70%	Não 13,30%	-	-		
Você acha que as universidades deveriam adotar esse tipo de aula 100% remoto?	Sim 10,70%	Não 77,3	Talvez 12%	-		
Você se sentiu prejudicado com as aulas do Ensino Remoto Emergencial?	Sim 60%	Não 18,70%	Talvez 21,30%	-		
Você acha que o ensino Remoto Emergencial irá prejudicar a sua formação profissional?	Sim 36%	Não 24%	Talvez 40%	-		
Qual a sua opinião a respeito do ensino ministrado através das aulas no Ensino Remoto Emergencial que você assistiu?	Regular 68%	Excelente 13,30%	Insatisfatória 18,70%	-		
De que forma a sua família contribui nas suas aulas do Ensino Remoto Emergencial?	Atrapalhou 24%	Não atrapalhou 24%	Indiferente 25,30%	Ajudou 26,70%		
Você teve que comprar algum equipamento eletrônico para assistir as aulas remotas?	Sim 61,90%	Não 38,10%	-	-		
Qual a dificuldade que você teve nas aulas do Ensino Remoto Emergencial?	<i>Internet</i> ruim 31,30%	Lugar tranquilo para estudar 31,30%	<i>Notebook</i> ruim 12,50%	Celular ruim 6,30%	Material para estudar 12,50%	Não teve nenhuma dificuldade 6,30%
Se você fosse convidado a participar de uma comissão de melhorias nas aulas no Ensino Emergencial Remoto qual seria a sua sugestão para melhorias?	Mudança na metodologia de ensino 29,30%	Uma aula mais interativa 25,30%	Uma aula com mais recursos tecnológicos 10,70%	Mudança no material 1,30%	Um curso de capacitação para os professores aprenderem como lidar com as novas ferramentas/aplicativos 33,30%	

4. Análise e Discussão dos Dados

Assim, após a aplicação dos formulários e análise dos dados coletados, verificou-se, que no quesito ‘preferência na modalidade de aula’, gráfico 1, ao se comparar as preferências dos professores e alunos, verificou-se que de cada 10 professores 8 preferiram ministrar aulas presenciais, e no grupo de alunos 7 em cada 10 aluno, também, preferiram aulas presenciais, confirmando uma similaridade nas preferências entre os docentes e discentes.

Gráfico 1 - Comparativo entre os resultados das respostas de discentes e docentes quando perguntado qual a preferência quanto ao tipo de aula: presencial, remoto e híbrida.



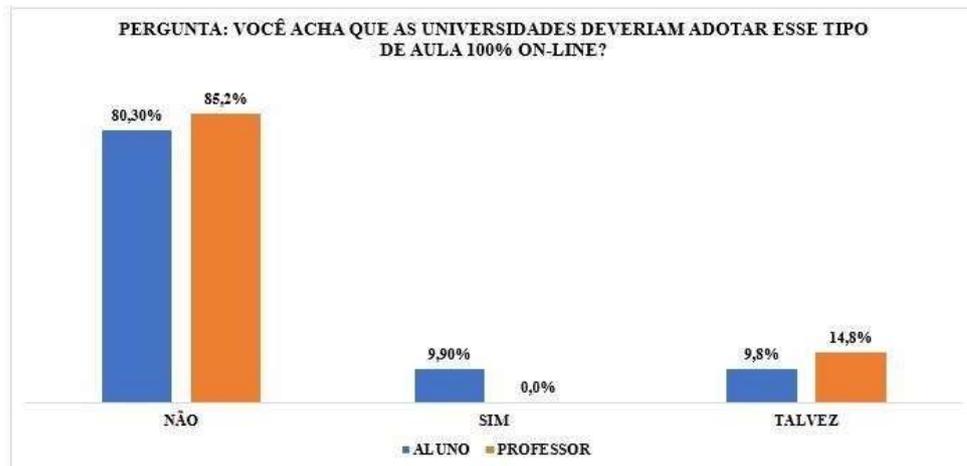
Quanto a ‘experiência em aulas ministradas na modalidade Ensino Remoto Emergencial (ERE)’ a pesquisa demonstrou que tanto alunos e professores, 48% e 37,9%, respectivamente, tiveram uma experiência ruim no aproveitamento das aulas, demonstrando o descontentamento com as aulas remotas.

Gráfico 2 - Comparação gráfica entre os resultados das respostas de discentes e docentes quanto a experiência devido ao formato de aula remoto.



Isso comprova-se quando lhes foram indagados sobre se as universidades deveriam adotar a modalidade de aulas 100% remota, onde de cada 10 entrevistados, 8 responderam que não aprovavam a implementação de aulas nesta modalidade remota, conforme constatado no gráfico 3.

Gráfico 3 - Comparação gráfica entre os resultados das respostas de discentes e docentes sobre a implementação de aulas 100% remotas pelas Universidades.



Percebe-se uma maior aceitação quanto ao formato tradicional da aplicação de aulas na modalidade presencial, tanto da parte do aluno quanto da parte do professor, sendo esta modalidade de aplicação de aula, com a maior aceitação em virtude de não possuir outras variáveis de interferência, como limitações financeiras ou tecnológicas. Além do que, as aulas presenciais tornam o ambiente educacional mais humanizado e permite que todos obtenham acesso, pois como foi dito anteriormente as adversidades territoriais e econômicas da região Norte são bastante gritantes.

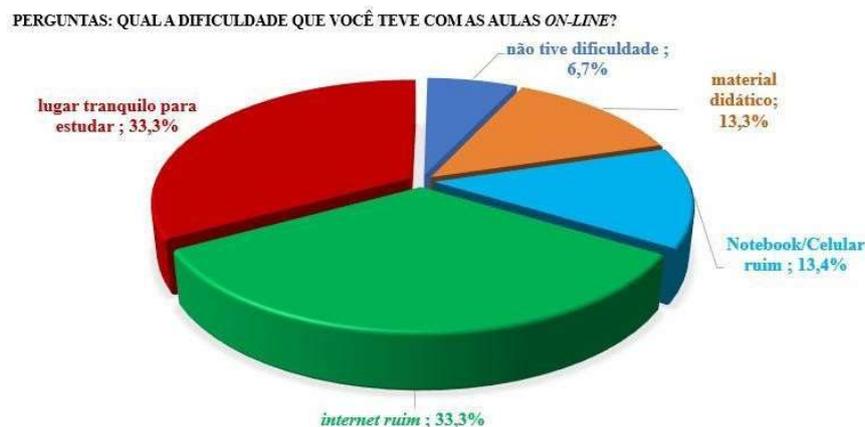
Dos docentes e discentes, aproximadamente, 9 entre 10 entrevistados, conforme gráfico 4, declararam que tiveram alterações em suas atividades diárias com a mudança da aula para a forma remota.

Gráfico 4 - Comparação gráfica entre os resultados das respostas de discentes e docentes quanto a mudança da rotina no formato de aula remoto.



Por outro lado, quase a metade dos alunos entrevistados, relataram dificuldades com o acesso remoto, velocidade de conexão e/ou os instrumentos para acesso utilizados, gráfico 5. Isso ratifica as condições territoriais inóspitas do Estado dificultando a transmissão dos serviços de telecomunicações.

Gráfico 5 - Comparação gráfica entre os resultados das respostas de discentes e docentes quanto as dificuldades encontrada devido ao formato de aula remoto.



Cerca de 6 em cada 10 alunos ou professores tiveram que realizar algum investimento, seja na aquisição de *notebook*/celular, ou mesmo em cursos de capacitação para a ministração/acompanhamento das aulas, gráfico 6. O que confirma a adaptação não somente da situação emocional, mas também da econômica.

Gráfico 6 - Comparação gráfica entre os resultados das respostas de discentes e docentes quanto a realizar um curso e/ou comprar um instrumento devido ao formato de aula remoto.

PERGUNTA: VOCÊ TEVE QUE FAZER ALGUM CURSO OU COMPRAR ALGUM MATERIAL PARA MINISTRAR/ASSISTIR A AULA *ON-LINE*?



Os apontamentos extraídos dos agentes demonstram, que ocorreram mudanças não somente nas suas rotinas, devido ao novo formato de aulas, mas sobretudo emocionais e econômicas. Na mudança emocional por parte do professor que deseja manter o seu nível de ensino e fazer com que suas aulas fossem ministradas sem interferências externas, a fim de manter um nível de qualidade aceitável e pelo aluno em não perder o ano letivo. Quanto ao aspecto econômico, ambos foram obrigados a realizar investimentos, ou para adquirir instrumentos ou fazer algum curso para se adequarem ao novo formato de E/A, de forma que pudessem mitigar eventuais perdas no ano letivo frente aos impactos da pandemia do COVID19.

5. Conclusões

De acordo com os resultados obtidos na investigação de campo e na bibliografia pesquisada, é possível analisar que a docência universitária teve a necessidade de transpor a situação mecânica do ensinar e do aprender, estabelecendo ações didáticas, para contextualizar um saber significativo no espaço pedagógico nas universidades, pois a sociedade acadêmica, durante a COVID-19, favorecida pela necessidade na qual o docente universitário teve de se moldar continuamente as transformações sociais, devido à universidade, tornar-se um espaço de reflexão e as aprendizagens desenvolverem em saberes científicos para a educação e para a cidadania.

A docência universitária em sua totalidade deve se propor a analisar os saberes transmitidos pelo professor, independente da sua complexidade, construindo, assim, propostas interdisciplinares de uma forma que acompanhe a vida social moderna e que sejam capazes de englobar a teoria e a prática, direcionando para a reflexão crítica, transformando o processo de ensino aprendizagem em um espaço integrador e inovador diante da realidade emergente.

Contudo, fica claro que há uma necessidade pendente de aprimorar a didática de ensino para todos profissionais inseridos na atuação docente, mas é sabido que, o professor universitário estará, todos os dias, predestinado a questionamentos sobre sua prática pois nenhum formato de ensino aprendizagem servirá a todas as situações da vida acadêmica.

Assim, a docência universitária atual, que dispõe das Instituições Universitárias como espaços de construção de conhecimentos, terá como base a formação didática do professor para nortear as relações sociais e educacionais, junto aos alunos, tornando-se elemento fundamental na atividade educacional e na formação de discentes críticos e atuantes. Por sua vez, os professores deverão refletir e buscar novos formatos de ensinar, que correspondam às necessidades da sociedade contemporânea e superem os desafios cotidianos em benefício da educação superior de qualidade.

Longe de se esgotar essa temática, pois a pandemia trouxe para educação situações atípicas de aprendizado, onde podemos notar a volta gradual do ensino presencial (formato híbrido – parte dos alunos assistindo aula remotamente e parte de alunos assistindo aula presencial), verifica-se que o perfil do docente universitário ainda será tema de constantes reflexões e mudanças, pois ainda não é possível desenvolver todas as respostas aos desafios trazidos pela pandemia para a prática do magistério superior, frente a nova conjuntura social e dinâmica educacional.

6. Referências Bibliográficas

AMAZÔNIA LEGAL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15819-amazonialegal.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em: 14 de novembro de 2021.

VASCONCELOS, M. C.; AMORIM, D.C.G. **A docência no ensino superior: uma reflexão sobre a relação pedagógica**. Disponível em:< <https://www.ufrb.edu.br/pedagogia-universitaria>>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

AUXILIO INCLUSÃO DIGITAL. **SAEST**. Disponível em: <<https://saest.ufpa.br/portal/index.php/ultimas-noticias/2413-2413>>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

BEHRENS, M.A. **Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente**. In: MORAN, J.M.; BEHRENS, M.A; MASSETO, M. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papyrus, p.72-96, 2000.

BEHRENS, M. A. **O papel do professor no paradigma da complexidade: formar e formar-se para a cidadania**. In: TORRES, P. L.; ENS, R. T.; FILIPAK, S. T. Os caminhos da gestão e da docência na educação. Curitiba: Champagnat, 2004.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo H. **A psicopatologia do vínculo professor-aluno: o professor como agente socializante**. In: PATTO, M.H.S.(Org.) Introdução à Psicologia Escolar. São Paulo - SP. Ed. T.A. Queiroz, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Thomaz. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

COSTA, C.; SILVA, I. **Neoliberalismo, cidadania e qualidade em educação**. Revista de Educação AEC 25 (100), p.105-119, 1996.

DIAS, Marco Antônio Rodrigues. **Dez Anos de Antagonismo nas Políticas Sobre Ensino Superior em Nível Internacional**. Educação e Sociedade. 88, vol. 25 - Número Especial, p. 893-914, 2004.

Ensino Remoto Emergencial (ERE). **CIPEAD**. Disponível em: <<http://www.cipead.ufpr.br/portal1/index.php/cipead/periodo-especial-ufpr/ere-ensino-remotoemergencial/>>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

JIMENEZ PENA E ALLEGRETTI. **Ação docente, tecnologia e ambiente virtual de videoconferência**. In: Congresso Internacional Virtual em Educação. São Paulo, 2007.

LEMES, Erica Aparecida da Silva Lemes. **O perfil do docente universitário no século XXI: tendências e desafios**. Disponível em: <www.arcos.org.br/download.php?codigoArquivo=348>. Acesso em: 15 de outubro de 2021.

CADASTRO NACIONAL DE CURSOS E INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR- CADASTRO E-MEC. **Ministério da Educação**. Disponível em: <<https://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 12 de novembro de 2021.

PATTO, Maria Helena Souza. (Org.) **Introdução à Psicologia Escolar**. São Paulo - SP. Ed. T.A. Queiroz, 1989.

PARÁ. **Os dilemas do desenvolvimento sustentável da Amazônia**. Visão estratégica Plano Diretor de Ciência, Tecnologia & Inovação, 2011/2015.

PARÁ. Administração Pública. **Programa de governo Simão Jatene, Belém Pará**. Disponível em: <<https://agenciapara.com.br/noticia/3703/>>. Acesso em: 12 de novembro de 2021.

PARÁ. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/para.htm>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

PARÁ. **IBGE-PANORAMA**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/panorama>>. Acesso em: 14 de novembro de 2021.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortes, 1999.

PROJETO ALUNOS CONECTADOS DO MEC LEVA *INTERNET* PARA QUE MAIS DE 150 MIL ESTUDANTES POSSAM CONTINUAR ESTUDANDO. **Rede nacional de Ensino e Pesquisa - RNP**. Disponível em: <<https://www.rnp.br/noticias/projeto-alunosconectados-do-mec-leva-internet-para-que-mais-de-150-mil-estudantes-possam>>. Acesso em: 13 de novembro de 2021.

PFEIFER, Mariana; GIARETA, Paulo Fioravante. **Expansão da Educação Superior no Brasil: Panorama e Perspectiva para a Formação de Professores**. IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, Paraná, PUC PR, 2009.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**. 8. ed. Campinas: Autores associados, 2003.

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do trabalho científico**. 24.ed. São Paulo: Cortez, 2018.

SILVA, Maria Alice M. **Aquisição do conhecimento: abordagens preliminares, algumas reflexões e a tecnologia como interface**. In: MASINI, E.F. & PENA, M.D.(Orgs.) *Aprendendo significadamente: uma construção colaborativa em ambientes de ensino presencial e virtual*. São Paulo: Vetor, 2010.

TURATO, Egberto R. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa.** Revista Saúde Pública, 39(3): 507-14, 2005.

ZEICHNER, K. M. **Formando professores reflexivos para a educação centrada no aluno: possibilidades e contradições.** In: BARBOSA, Raquel L. Leite (Org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: UNESP, 2003.

Recebido em outubro 2023
Aprovado em novembro 2023